



## 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Trabalho, Questão Social e Serviço Social.

### CLASSES SOCIAIS E AS PRINCIPAIS REVOLUÇÕES DO SÉCULO XVIII E XIX

Lole Dantas de Omena<sup>1</sup>

**Resumo:** O período histórico analisado (1789-1848) foi marcado por duas principais revoluções: a Revolução Francesa (de caráter político) e a revolução industrial (de caráter econômico). Elas marcaram a transição para o modo de produção capitalista. Neste contexto, analisamos a formação das novas classes sociais, os antagonismos entre elas e o fundamento ontológico da classe trabalhadora industrial.

**Palavras-chave:** revoluções; classes; antagonismo.

**Abstract:** The historical period analyzed (1789-1848) was marked by two main revolutions: the French Revolution (with political character) and the industrial revolution (with economic character). They marked the transition to the capitalism. In this context, we analyze the formation of new social classes; the antagonisms between them and the ontological foundation of industrial working class.

**Keywords:** revolution, class, antagonism.

### INTRODUÇÃO

O “Congresso da Virada”, de 1979, tornou-se um símbolo da reconfiguração do Serviço Social brasileiro por um caminho mais crítico que levou a uma aproximação à teoria social de Marx. Teoria essa que possibilita aos assistentes sociais, seja no meio acadêmico seja na atuação prática, analisar de forma crítica as expressões da “questão social”. Em 2019 completam-se 40 anos desse congresso, tema do XVI CBAS. Buscamos trazer como contribuição ao evento a discussão dos fundamentos da formação das classes sociais da sociedade burguesa nas principais revoluções do século XVIII e XIX. Assim, apresentaremos daqui em diante o resultado final de nossa pesquisa bibliográfica realizada no PIBIC ciclo 2017-2018.

O mundo, no final do século do XVIII, era regido pelos Antigos Regimes, tendo elementos do feudalismo, embora já se encontrasse em transformação. O período histórico analisado (1789 – 1848) marca a transformação desse mundo, em um mundo capitalista. Duas revoluções são destacadas, por Hobsbawm (2004), como as principais para que esta transformação ocorresse; ele as chama de “Dupla Revolução” – compreende a Revolução Francesa, de caráter político, e a Revolução Industrial, na Inglaterra, que atuou no plano econômico. Para o autor “[...] as forças econômicas e sociais, as ferramentas políticas e

---

<sup>1</sup> Estudante de Graduação. Universidade Federa de Alagoas. E-mail: <iole.omena@gmail.com>.

intelectuais desta transformação já estavam preparadas, em todo o caso pelo menos em uma parte da Europa suficientemente grande para revolucionar o resto” (HOBBSAWM, 2004, p.17).

A Revolução Francesa provocou mudanças na esfera política, juntamente com as revoluções políticas – as três ondas revolucionárias mencionadas por Hobsbawm (2004), que se seguiram à derrota de Napoleão (1815). A Revolução Industrial provocou mudanças na esfera econômica. Veremos que, no período analisado, a economia e a política do século XVIII ao XIX foram abaladas pelas novas forças que estavam em movimento.

É neste contexto de intensas lutas políticas e transformações econômicas que buscamos entender, no período investigado, como se deram os movimentos entre as classes sociais atuantes, com foco nas novas classes sociais fundamentais – a burguesia e o proletariado –, para a constituição da nova ordem burguesa. Neste processo, tivemos como objetivos específicos: identificar a formação histórica das novas classes na era capitalista; determinar os fundamentos ontológicos da classe trabalhadora industrial<sup>2</sup> e caracterizar as bases fundamentais da relação antagônica entre as novas classes sociais.

## **DESENVOLVIMENTO**

O período estudado marca a consolidação da burguesia enquanto classe dominante da nova sociedade. O desenvolvimento da classe burguesa, segundo Soboul (1981), vinha ocorrendo desde o séc. XI – com o renascimento do comércio e o surgimento de uma nova forma de riqueza (a mobiliária) e, junto com ela, o desenvolvimento de uma nova classe social, a burguesia. No final do séc. XVIII esta nova classe já estava à frente da produção. Contudo, a “organização social e política do Velho Regime, que consagrava os privilégios da aristocracia rural, entravava o desenvolvimento da burguesia” (SOBOUL, 1981, p. 92). Para acabar com tais entraves, a burguesia fez sua revolução, mas não foi só obra dela: “a Revolução Francesa foi, em verdade, uma revolução burguesa, mas com o apoio popular e, sobretudo, da massa rural” (SOBOUL, 1981, p. 93)

Ela é descrita por Soboul (1981) como “largamente burguesa e democrática” em relação às outras revoluções burguesas (a dos Estados Unidos e da Inglaterra), que ele caracteriza como “estritamente burguesas e conservadoras”. E, para o autor, ela deve a característica “à obstinação da aristocracia, que tornou impossível qualquer compromisso político à maneira anglo-saxônica e que obrigou a burguesia a perseguir não menos

---

<sup>2</sup> Neste relatório aparecem como sinônimos os termos “classe trabalhadora industrial”, “proletariado” e “operários/ classe operária” e os termos “classe média”, “burguesia” e “capitalistas”. Já que os autores analisados usam termos diferentes tanto em seus próprios textos, quanto entre eles.

obstinadamente a destruição total da ordem antiga – o que só pôde fazer com apoio popular” (SOBOUL, 1981, p. 548). O conflito entre o velho regime e as novas forças eram mais agudos na França (HOBSBAWM, 2004).

Foi a Revolução Francesa que deu as bases da transformação política ao capitalismo – por exemplo: ela “forneceu os códigos legais” e “o vocabulário e os temas da política liberal e radical-democrática”; “deu o primeiro grande exemplo, o conceito e o vocabulário do nacionalismo” (HOBSBAWM, 2004, p. 83 - 84); transformou o Estado, antes absolutista, em um Estado burguês, liberal e laico (SOBOUL, 1981) – e, além disso, serviu como modelo para as revoluções do período pós-napoleônico. Os exércitos da França revolucionária “estenderam a universalidade de sua revolução mais eficazmente do que qualquer outra coisa” (HOBSBAWM, 2004, p. 133). Quanto às mudanças provocadas pela Revolução Francesa, Hobsbawm explica que elas aconteceram tanto pela conquista francesa quanto pela reação contra ela, visto “que para os adversários inteligentes da França era evidente que tinham sido derrotados pela superioridade de um novo sistema político” (HOBSBAWM, 2004, p.132).

Após a derrota de Napoleão (1815) seguiu-se o período de Restauração da monarquia. que provocou na Europa três ondas revolucionárias (1820-4; 1829-34 e 1848). Segundo Hobsbawm, elas ocorreram pois

os sistemas políticos novamente impostos à Europa eram profundamente e cada vez mais inadequados, num período de rápida mudança social, para as condições políticas do continente, e porque os descontentamentos econômicos e sociais foram tão agudos a ponto de criar uma série de erupções virtualmente inevitáveis (HOBSBAWM, 2004, p. 163).

Os movimentos revolucionários do período pós-napoleônicos tinham em comum sua oposição à monarquia absoluta, à Igreja e à aristocracia. Foi no ano de 1848 que ocorreu a desintegração dessa frente unida – composta por diversas classes sociais (classe média superior e aristocracia liberal; classe média inferior, parte dos novos industriais e intelectuais e pequena nobreza descontente; e os “trabalhadores pobres” e das novas classes operárias industriais). No entanto, chegaria o momento “em que os antigos aliados contra o rei, a aristocracia e o privilégio se voltariam uns contra os outros, e o conflito fundamental seria entre os burgueses e os trabalhadores. Mas antes de 1848 este momento ainda não tinha chegado em nenhum outro lugar” além da Grã-Bretanha. (HOBSBAWM, 2004, p. 184)

A consolidação do poder burguês na Europa ocorre, segundo Hobsbawm, com a segunda das ondas revolucionárias do período pós-napoleônico. A da década de 1830, que

marca a derrota definitiva dos aristocratas pelo poder burguês na Europa Ocidental. A classe governante dos próximos 50 anos seria a ‘grande burguesia’ de banqueiros, grandes industriais e, às vezes, altos funcionários civis, aceita por uma aristocracia que se apagou ou que concordou em promover políticas primordialmente burguesas (HOBSBAWM, 2004, p. 161).

O movimento dos trabalhadores atuante, no período estudado, é descrito por Hobsbawm não como um movimento estritamente proletário, mas como

uma frente comum de todas as forças e tendências que representavam o trabalhador pobre, principalmente urbano. Esta frente existia há muito tempo, mas até mesmo desde a Revolução Francesa sua liderança e inspiração vinha da classe média liberal e radical. [...]. A novidade da situação depois de 1815 era o fato de que a frente comum era de maneira crescente e direta contrária à classe média liberal e aos reis e aristocratas, e que o que lhe dava unidade eram o programa e a ideologia do proletariado, ainda que por essa época a classe trabalhadora fabril e industrial mal existisse, e no seu todo fosse politicamente muito menos madura do que outros grupos de trabalhadores pobres (HOBSBAWM, 2004, p. 296)

O ano de 1830 determina o início das décadas de crise da nova sociedade, que provou – como produto dessa crise – a terceira e maior das ondas revolucionárias, “a primavera dos povos” de 1848. Foi “no sentido literal, o insurgimento dos trabalhadores pobres nas cidades – especialmente nas capitais – da Europa Ocidental e Central” (HOBSBAWM, 2004, p. 420). O principal impulsionador do movimento de 1848 foi a condição de vida que se agrava desde a primeira metade da década de 1840.

“Por trás destas grandes mudanças políticas estavam grandes mudanças no desenvolvimento social e econômico” (HOBSBAWM, 2004, p. 162). A Revolução Industrial era a principal responsável por elas. Foi na década de 1780, na Grã-Bretanha, que “pela primeira vez na história da humanidade [...] foram retirados os grilhões do poder produtivo das sociedades humanas, que daí em diante se tornaram capazes de multiplicação rápida, constante, e até o presente ilimitada, de homens, mercadorias e serviços” (HOBSBAWM, 2004, p. 50.) Foi com ela que o sistema fabril se desenvolveu e foi capaz de produzir antecipando-se à demanda, por conseguir criar seu próprio mercado através da produção em grandes quantidades e a baixo custo.

Para que esta transformação ocorresse, o principal fator a ser transferido era, de acordo com Hobsbawm (2004), o da mão de obra, e a fonte mais óbvia dela viria do antigo setor não-industrial. Assim, a população rural e estrangeira, suplementada pelos pequenos produtores e trabalhadores pobres forneceram a mão de obra necessária para o desenvolvimento industrial. O destino dos trabalhadores pobres “era o de se tornarem trabalhadores industriais, eles eram simplesmente a massa que deveria ser modelada pela disciplina através da pura coerção, sendo a draconiana disciplina fabril suplementada com a ajuda do Estado” (HOBSBAWM, 2004, p. 277)

O impacto da industrialização, sobre a classe burguesa, foi o de multiplicar o número dos homens de negócios, tornando-os cada vez mais conscientes de ser uma *classe*. Constituíam uma classe de combate, “organizada a princípio em combinação com os ‘trabalhadores pobres’ (que deviam, pensavam eles, seguir sua liderança) contra a

sociedade aristocrática, e mais tarde contra o proletariado e os proprietários de terras” (HOBSBAWM, 2004, p. 260). Sobre a classe trabalhadora industrial, a industrialização também trouxe consequências, segundo Engels (2015),

Quanto mais o sistema fabril penetra num ramo de trabalho, tanto mais ativamente os operários participam do movimento; quanto mais agudo se torna o contraste entre operários e capitalistas, tanto mais desenvolvida, tanto mais aguçada se torna a consciência proletária no operário (ENGELS, 2015, p. 273-4)

Ao passo que a economia industrial capitalista ia se desenvolvendo, ela ia, também, fixando os antagonismos entre as novas classes. A subordinação e dominação de classe ocorrem tanto no relacionamento entre classes distintas, quanto

em virtude da posição objetiva das principais classes da sociedade na estrutura de produção historicamente estabelecida. Em outras palavras, as classes são dominadas não apenas pelo *peçoal* da outra classe, mas também pelos *imperativos estruturais objetivos* do sistema de produção e da divisão do trabalho historicamente dados. (MÉSZÁROS, 2012, p. 333)

O autor acrescenta que o momento predominante nessa relação entre esse “peçoal” e o “imperativo estrutural”, é a persistência do último, pois é ele que sustenta esse “peçoal” que exerce a dominação. É por isso que a mudança das circunstâncias históricas pode levar ao desaparecimento desse “peçoal”. Por essa razão, a aristocracia tornou-se uma “classe supérflua” em fins do Antigo Regime, antes da Revolução Francesa, por conta das transformações socioeconômicas que já vinham ocorrendo no século XVIII (MÉSZÁROS, 2012, p. 333).

Como foi a Inglaterra o país clássico da Revolução Industrial, ela “é também o país clássico para o desenvolvimento do principal resultado dessa revolução: o proletariado. Somente na Inglaterra o proletariado pôde ser estudado em todos os seus aspectos e relações” (ENGELS, 2015, p.45). Por isso, ao analisarmos os fundamentos ontológicos da classe trabalhadora industrial<sup>3</sup> – o proletariado, detemo-nos principalmente à situação desta classe na Inglaterra, sobretudo com a contribuição de Engels a respeito do tema.

As características que compõem os fundamentos ontológicos da classe trabalhadora industrial podem ser descritas como possuir um ritmo regular de trabalho diário ininterrupto da indústria (HOBSBAWM, 2004); ser assalariado e contratado, vender seu próprio trabalho no mercado, ser comprado como a mercadoria “trabalho” pelos industriais; ter com o industrial uma relação puramente econômica, onde “o industrial é o ‘capital’, o operário é o ‘trabalho’” (ENGELS, 2015, p. 308); ser a fonte da riqueza material da sociedade capitalista, ser explorado pelos proprietários; só possuir de seu os braços; estar sujeito ao acaso, pois “não tem nenhuma garantia futura de assegurar-se os meios mais

<sup>3</sup> Ou seja, exporemos as características fundamentais desta classe social, que a diferencia em relação às outras classes sociais.

elementares de subsistência – em função de uma crise ou de um capricho do patrão pode ficar desempregado” (ENGELS, 2015, p. 155) e, por fim, estar inserido na indústria.

## CONCLUSÃO

No período analisado, a burguesia já se encontrava à frente da produção, faltava-lhe o poder político. A organização da sociedade sob o Antigo Regime entrava seu desenvolvimento. Após a Revolução Francesa e as ondas revolucionárias que se seguiram à derrota de napoleão, ela conseguiu consolidar seu poder político. E, no período que vai de 1789 a 1848, “o complexo de regras políticas e legais tradicionais comumente conhecido como ‘feudalismo’” foi, em termos amplos, abolido na Europa, onde ainda subsistia. (HOBSBAWM, 2004, p. 214).

Vimos como nas revoluções do período pós-napoleônico existia uma “frente unida” contra o Antigo Regime, composta por diversas classes sociais. E que a desintegração dessa “frente” ocorre apenas em 1848 na Europa, embora na Grã-Bretanha já tivesse acontecido. Ela se dá juntamente com o aumento do antagonismo, provocado pelo desenvolvimento da nova sociedade, que consolidaria o conflito fundamental entre burgueses e trabalhadores.

Por causa do desenvolvimento ainda inicial do proletariado, no período analisado, pois ele só existia propriamente na Inglaterra, o movimento trabalhista da época não constituía um movimento estritamente proletário, ele representava o trabalhador pobre, principalmente urbano. Esse movimento foi, segundo Hobsbawm (2004), liderado pela classe média radical e liberal, mas desde 1815 esse movimento se mostrava crescentemente contrário à classe média liberal, aos reis e aos aristocratas.

Como pano de fundo a essas transformações políticas, a Revolução Industrial atuava na esfera econômica, provocando mudanças fundamentais na economia. Como condição essencial para o desenvolvimento da indústria, a mão de obra teve que ser transferida do antigo setor não-industrial. O destino dos trabalhadores pobres era o de se tornarem proletários.

Essa transformação ocorreu primeiro na Inglaterra, pois foi lá o berço da Revolução Industrial. Por isso, lá é o país clássico do desenvolvimento do proletariado (ENGELS, 2015). Ao analisarmos os fundamentos ontológicos do proletariado, observamos suas características na Inglaterra.

Vimos, portando, como o processo de transição do Antigo Regime para o capitalismo, foi um processo agitado, perpassado por revoluções, as quais provocaram importantes mudanças, tanto na esfera política, quanto na esfera econômica. Tais

modificações contribuíram fundamentalmente para a formação do capitalismo enquanto modo de produção.

## REFERÊNCIAS

SOBOUL, Albert. **História da Revolução Francesa**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era das Revoluções: 1789 - 1848**. 18ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MÉSZÁROS, István. **O Poder da Ideologia**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2012

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2015.